



***PARTIDO COMMUNISTA DO BRAZIL (1919):***  
**lutas, divergências e esquecimentos**

Frederico Duarte Bartz<sup>1</sup>

**Resumo:** Este texto trata do surgimento e da atuação do *Partido Comunista do Brasil*, organização criada pelos operários do Rio de Janeiro em 1919, mas que procurou estabelecer laços de solidariedade e teve núcleos em diversos estados brasileiros. Esta associação, apesar de ter o nome de *Comunista*, era formada por militantes libertários, que sob o impacto da Revolução Russa procuraram criar este partido. Sua condição efêmera e o fato de ter sido criado por anarquistas, fizeram com que fosse visto apenas como um exemplo de entusiasmo ou um engano destes militantes. Este texto procura analisar sua trajetória e mostrar que ele pode ter sido muito mais que isso, sendo necessário levantar muitas questões sobre este primeiro PCB.

**Palavras-chave:** comunismo, anarquismo, movimento operário brasileiro.

## **1 Introdução**

O *Partido Comunista do Brasil*<sup>2</sup> foi um grupo político formado pelos militantes da Aliança Anarquista do Rio de Janeiro, que estavam sob a influência da Revolução Russa, em março de 1919. Criado no Rio de Janeiro, mas pretendendo ter uma abrangência nacional, recebeu a adesão de associações operárias de diversas regiões do país. Organizou manifestações, editou o jornal *Spartacus* e patrocinou uma Conferência Comunista na Capital Federal, com a participação de representantes de sete estados. Apesar destas tentativas de organização, as referências ao partido vão desaparecendo durante o ano de 1920, em meio à repressão ao movimento operário brasileiro e às divergências em torno das novas ideias que vinham da Rússia dos *Soviets*.

Ao longo do tempo e a partir da memória dos militantes, criou-se uma imagem bastante negativa acerca deste partido. Ele não teria sido muito relevante, nem sua influência teria se entendido para além do momento de sua fundação; sendo fruto de um engano, uma

confusão ou na melhor das hipóteses, de um ingênuo entusiasmo dos libertários com a revolução russa. A historiografia do movimento operário também não avançou muito em relação a este PCB de 1919. Por este motivo, pretendo fazer uma aproximação com a história deste grupo, para levantar questões que possam ir além da suposta confusão ou do entusiasmo dos militantes e tentar entender um pouco mais sobre os projetos do movimento operário naquele período de grandes mobilizações.

**2 Alguns antecedentes:** o impacto da Revolução Russa no movimento operário brasileiro, o surgimento dos primeiros grupos comunistas e a insurreição de 1918.

Para compreender o surgimento deste primeiro PCB, é necessário compreender como a Revolução Russa impacta sobre o movimento operário brasileiro e como surge a ideia de criar grupos que se designavam como “comunistas”, fenômeno que começa a ocorrer no Brasil a partir do ano de 1918. A revolução operária na Rússia inicia-se em fevereiro de 1917, ocasião onde o Czar é derrubado e o governo é substituído por um “duplo poder”: um Governo Provisório, surgido da Câmara de Deputados (Duma), representando a burguesia e um Conselho (*Soviet*) de Operários, Soldados, Marinheiros e Camponeses, que se remetia às experiências de poder popular experimentadas na primeira revolução russa em 1905. Durante todo o ano de 1917, estas instâncias de poder divergiram profundamente, o que resultou no fortalecimento do *Soviet* que pregava o fim imediato da guerra contra a Alemanha, a divisão da terra e a possibilidade da construção de uma sociedade mais igualitária. Em outubro de 1917 (novembro, no calendário ocidental), o *Soviet*, sob hegemonia do Partido Bolchevista (fração mais radical do Partido Operário Social Democrata Russo, de orientação marxista), dissolve o Governo Provisório, tornando-se o órgão máximo de poder da República Russa.

Logo após este episódio, o governo constituído, no qual se destacavam os líderes bolchevistas Leon Trotsky e Vladimir Lênin, proclamaram a república socialista, promoveu a nacionalização das grandes empresas, divisão da terra e dirigiram uma proposta de paz à Alemanha. No ano seguinte, as forças reacionárias russas montariam um “exército branco”, que entraria em guerra com o “exército vermelho” dos bolchevistas, mergulhando a Rússia em uma longa guerra civil<sup>3</sup>.

Estes acontecimentos tiveram um enorme impacto em diversos países, principalmente entre os grupos socialistas e as forças políticas ligadas ao movimento operário. Combinado ao efeito devastador da Primeira Guerra Mundial, grandes greves irromperam na França, Inglaterra, Itália e Estados Unidos; na Alemanha, Hungria, Bulgária e na Alsácia-Lorena,

foram proclamadas repúblicas socialistas, baseadas, sob diferentes formas, no modelo dos *soviets*; na América Latina, também houve uma grande incidência de greves no período, registrando-se episódios violentos de insurreição operária na região do Prata<sup>4</sup>.

No Brasil, naquele momento, também ocorriam uma série de manifestações operárias. Elas se dirigiam principalmente contra os baixos salários e a carestia de vida resultantes dos efeitos econômicos da Primeira Guerra Mundial, o que paralisou cidades como São Paulo e Porto Alegre durante o inverno de 1917. Foi neste ano, sob efeito das grandes mobilizações e sob a influência das informações que eram divulgadas sobre a Revolução Russa, que começam a serem discutidas as possibilidades de inspirar-se no modelo revolucionário russo. Em agosto de 1917, depois da Greve Geral de São Paulo, foi publicado pelo jornal anarquista *A Plebe*, um apelo aos soldados, para que se unissem aos operários no combate à burguesia<sup>5</sup>; em Maceió, neste mesmo período, o jornal operário *A Semana Social* defendia abertamente que apenas a formação de um Comitê de Operários e Soldados poderia salvar o povo<sup>6</sup> e em Porto Alegre, no mês de dezembro, Abílio de Nequete, militante operário com destacada participação na greve de agosto daquele, foi preso ao distribuir um panfleto assinada por um Grupo de Operários e Soldados Brasileiros, incitando estas categorias a se unirem<sup>7</sup>.

Mesmo devendo-se estas ideias e estas iniciativas ao momento vivido pelo movimento operário brasileiro, assim como a uma necessidade prática de atrair os agentes da repressão (que após a onda de greves passou a atuar de forma cada vez mais ativa), para o lado do movimento operário, não se deve subestimar a força do exemplo russo entre os militantes. Neste momento, as notícias sobre a revolução e os debates em torno do seu caráter eram presenças constantes na imprensa operária brasileira, como continuará sendo até o fim da década<sup>8</sup>. Desta forma, as constantes mobilizações da classe operária, aliada ao exemplo de uma vitoriosa tomada de poder por parte dos trabalhadores, parecem ter feito com que alguns militantes quisessem se identificar com aquele processo, o que pode explicar o surgimento dos primeiros grupos comunistas no país. Em 1918, surge em Porto Alegre a União Maximalista<sup>9</sup> e em Santana do Livramento, na região fronteira do Rio Grande do Sul, foi fundada uma Liga Comunista; em Maceió, formou-se a Congregação Libertadora da Terra e do Homem, também procurando se identificar com as novas ideias vindas da Rússia<sup>10</sup>.

No Rio de Janeiro a Aliança Anarquista, associação que coordenava os grupos libertários da Capital Federal, onde militavam importantes figuras como Astrogildo Pereira e José Oiticica, decidiu preparar uma insurreição para derrubar o governo e instalar no Brasil uma República Soviética de Operários. O plano era deflagrar uma greve revolucionária e no momento em que os militares se aproximassem para reprimir o movimento, os operários

lançariam um apelo para que estes se juntassem aos trabalhadores, o que daria chance de tomar de assalto a Intendência de Guerra, para buscar armamentos, invadir o Palácio Presidencial e controlar o Rio de Janeiro. O plano foi descoberto por traição do tenente Elias Ajus. Em 18 de novembro a revolta degringolou em batalhas campais nos bairros operários do Rio, os operários foram reprimidos e inúmeros anarquistas acabaram presos<sup>11</sup>.

### **3 A organização:** a fundação e a formação de núcleos

Conforme Dainis Karepovs, remetendo-se a um fragmento de memória de Astrogildo Pereira, que era uma das lideranças da Aliança Anarquista “foi durante o período de prisão das lideranças da insurreição de novembro de 1918, no qual mantiveram contatos regulares com os camaradas de fora, que apareceu pela primeira vez a ideia de criação do Partido Comunista do Brasil”<sup>12</sup>. De fato, foi alguns meses após aquele episódio, em 9 de março de 1919, que os membros da Aliança Anarquista fundaram o *Partido Comunista do Brazil*, de inspiração libertária, mas influenciado pelo exemplo bolchevista. Este “partido”, que não tinha fins eleitorais, lançou algumas bases de acordo, em oito pontos, que tratava da forma de filiação, de como deveriam se organizar seus núcleos regionais e como deveriam estes relacionar-se entre si<sup>13</sup>. O Secretariado do partido também lançou um programa mais detalhado, que se chamava “*Programa do Partido Comunista do Brazil*”. Este programa tratava da reforma agrária, da divisão da produção, regulamentação das horas de trabalho e sua obrigatoriedade para todas as pessoas, liberdade de pensamento e livre acesso à educação. O programa era concluído com um incentivo à arregimentação de novos membros e à organização:

Este programa, em síntese, é suscetível de reformas de acordo com a evolução que se operar ao povo, e, para obter sua realização, o partido adota como meio de ação a propaganda falada e escrita a todas as pessoas do Brasil, até estabelecer uma aliança de indivíduos de diversas classes que possam garantir o êxito da transformação que o Partido Comunista do Brasil se propõe a realizar. A ação do Partido consiste na propaganda sistemática, por todo o país, do socialismo integral ou comunismo e na arregimentação e educação do proletariado em geral para a conquista dos poderes públicos- único meio pelo qual poderá realizar seu programa. A propaganda será feita por meio de folhetos, manifestos, comícios, conferências, representações teatrais, etc. e por meio de um semanário que será o órgão oficial do partido (Este periódico se tornará diário quando as circunstâncias permitirem). Fiel aos princípios da Internacional, o Partido Comunista do Brasil manterá relações com todos os seus afins do exterior, com os quais será solidário<sup>14</sup>.

Alguns destes documentos foram remetidos a outros centros de militância como Porto Alegre, São Paulo e Recife, acompanhados por um incentivo para que os núcleos partidários se multiplicassem<sup>15</sup>.

A formação do partido e seu programa, apesar do ideário anarquista que o orientava, provocaram algumas críticas entre os militantes libertários. O *Alba Rossa*, de São Paulo, por exemplo, publicou o programa do PCB e lhe deu apoio, mas não deixou de criticar alguns pontos como a luta “para a conquista dos poderes públicos”. O articulista João Calixto argumentava que, caso o objetivo não fosse destruir estes poderes públicos, “não era propriamente necessário fundar um partido novo: bastava àquele socialista que prega a mesma coisa com a única diferença de método, pois é extraparlamentar”<sup>16</sup>.

Isto não impediu a rápida difusão de núcleos partidários nos meses que seguiram sua fundação. Em São Paulo foi criado, entre os militantes que editavam o jornal *A Plebe*, um Grupo Comunista, que logo se transformou em Partido Comunista, a exemplo do que já existia no Rio de Janeiro. No interior do estado, na cidade de Campinas, o Centro Libertário formou um núcleo comunista<sup>17</sup>. A Liga Operária de Cruzeiro recebia excursões de propaganda do PCB do Rio de Janeiro; esta, inclusive, não servia apenas aos operários daquela localidade, mas também aos outros trabalhadores da Rede Sul Mineira<sup>18</sup>. Este contato talvez explique o aparecimento de núcleos partidários em pequenas localidades do interior de Minas, como João Ayres e Eloi Mendes<sup>19</sup>. Neste estado, um núcleo também é fundado em Belo Horizonte<sup>20</sup>. No Rio Grande do Sul, a União Maximalista, que já existia desde novembro do ano anterior, declara sua adesão ao partido<sup>21</sup> e nas cidades de Rio Grande e Pelotas, fundam-se um Núcleo<sup>22</sup> e uma União Comunista<sup>23</sup>. Em Recife foi fundado o Centro de Estudos Marxistas e se tentou organizar uma Universidade Popular, o que pode estar ligado a esta proliferação de grupos ligados ao PCB<sup>24</sup>.

Como houve muitos grupos que se afirmavam comunistas ou que defendiam a Revolução Russa, o Grupo do Rio de Janeiro convocou a Primeira Conferência Comunista para o mês de junho de 1919. A Conferência foi aberta a todos os representantes de entidades que defendessem “o anarquismo, o socialismo e o comunismo social”. Participaram 22 delegados, reunidos na Capital Federal, mas as sessões finais tiveram de ser transferidas para Niterói, pois a polícia dissolveu o congresso<sup>25</sup>.

A formação deste Partido Comunista foi muito pouco estudada até hoje, considerando-se um fruto do entusiasmo da militância sindical diante das ações levadas a cabo pelos bolchevistas na Rússia. Mesmo que o entusiasmo fosse verdadeiro, existem indícios de que esta organização poderia ter raízes mais profundas. O fragmento de memória de Astrogildo

Pereira indica que o fracasso da tentativa em tomar o poder influenciou na busca de outras formas de organização. Mesmo que isto seja verdade, há razões para crer que a formação do partido tenha raízes ainda distantes no tempo e que remetem a tradicionais instituições anarquistas.

Em 1917, o jornal *A Plebe*, em meio às grandes greves, fez chamadas para um Congresso Geral da Vanguarda Social do Brasil, que seria realizado em outubro, mas cuja realização não encontrei notícias. Este Congresso teria como base a Confederação Operária Brasileira, principal federação sindical do país, sob hegemonia dos anarquistas. Assim como a Conferência Comunista, realizada em 1919, o Congresso seria aberto a várias tendências, como os socialistas, anarquistas, sindicatos e centros de estudos sociais. A Conferência Comunista teve a participação de representantes de federações sindicais, como o Centro das Classes Trabalhadoras de Pernambuco<sup>26</sup>, o que a aproximaria do Congresso de Vanguardas, que teria como modelo uma confederação de sindicatos. Isto faz pensar se, além do entusiasmo, a formação do Partido Comunista não testemunha um momento em que tradições organizativas podem ter sido re-significadas sob novas perspectivas, abertas não só pela revolução russa, mas também pelo momento de luta em que se encontravam as associações operárias brasileiras<sup>27</sup>. Esta hipótese vem ao encontro de uma enigmática declaração da União Maximalista de Porto Alegre, em julho de 1919, quando esta organização se afirma associada a um partido que congregava mais de cem mil membros. Tal afirmação não parece tão absurda se este mesmo partido fosse formado por federações sindicais (como era o caso da COB), além de núcleos, centros e uniões comunistas.

Em outubro de 1919, os militantes de São Paulo prepararam uma nova insurreição, que deveria contar com a participação de outros centros de militância, tendo como objetivo estabelecer uma república de inspiração soviética no país. A lembrança desta tentativa de insurreição, bem pouco estudada pela historiografia, foi preservada por militantes como Everardo Dias<sup>28</sup> e Abílio de Nequete<sup>29</sup>. Conforme Dias, uma das lideranças do movimento operário em São Paulo, este levantamento deveria iniciar concomitantemente no Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Paraná e Minas Gerais. A tentativa teria fracassado pela precipitação de uma categoria com a Greve Geral que deflagraria o movimento. A repressão foi muito violenta na capital paulista. Em fins de 1919, a repressão aumenta em todo o país, desarticulando muitas mobilizações. Neste mesmo período, os debates sobre o antagonismo entre o bolchevismo e o anarquismo se tornam mais duros, aumentando as críticas dos libertários sobre a Revolução Russa. Isto provoca um refluxo no movimento, o que interfere no partido, cujas referências vão se perdendo ao longo do ano de 1920.

#### 4 Desagregação: divergências e esquecimentos

No início dos anos vinte surgiram novos grupos comunistas: o Grupo Comunista Zumbi, a Coligação Social, o Grupo Social Renovação<sup>30</sup>. Estes grupos, diferente do que ocorreu com o partido de 1919, nasceram sob o signo de um refluxo das lutas operárias. As divergências entre anarquistas e comunistas seriam cada vez mais marcadas, as possibilidades de ação haviam diminuído pela ação repressora do estado. Isto talvez explique porque aquele primeiro PCB, que havia sido fundado para congregar “anarquistas, socialistas e todos os adeptos do comunismo social”, tivesse seu projeto abandonado naquelas condições.

A memória que este partido deixou entre alguns militantes que participaram dele não foi muito boa, principalmente daqueles que formariam mais tarde o Partido Comunista de 1922, formado sob as orientações da Internacional Comunista. Otávio Brandão, que iria aderir ao PCB no ano de sua formação e nele militaria durante tanto tempo, é até mais enfático nesta crítica quando escreve, em 1924, seu livro *Agrarismo e industrialismo no Brasil*:

A organização era frágil. O partido da época, de comunista só tinha o nome. Era um saco de gatos, aborto de confucionismo e uma casa de orates; não valia um caracol. A ideologia anarquista criava uma série de ilusões. O estudo da situação objetiva, a correlação das forças, as manobras da política proletária, os avanços e recuos, a ofensiva e a defensiva, a luta legal e a luta ilegal, a luta no parlamento e a luta extraparlamentar, a combinação desses elementos e de muitos outros. Tudo isso era ignorado ou era feito desordenadamente<sup>31</sup>.

As referências historiográficas a este partido não são muito profundas, talvez porque esta imagem “*confusionista*” tenha perpetuado a ideia de que esta organização era apenas uma associação libertária sob nome de Partido Comunista. Pelo menos é o que se depreende da descrição de Dainis Karepovs quanto à fundação deste organismo:

Esta aproximação dos anarquistas foi sem dúvida o resultado do entusiasmo causado pela Revolução Russa e as primeiras medidas do poder soviético - desapropriação de terras e tomada das fábricas - e a ascensão que o movimento operário brasileiro então vivia e, particularmente, o produto da falta de maiores informações sobre o que de fato ocorria na Rússia soviética. Mas, evidentemente, o que mais chama a atenção aqui é o fato de os anarquistas terem fundado um partido. O que aparenta ser uma contradição na verdade pode ser entendido, e aqui o fazemos acompanhando a arguta interpretação de Jacy Alves de Seixas, como um fenômeno internacional. Na Europa, nos Estados Unidos e na América Latina os sindicalistas revolucionários e anarquistas aderiram à Revolução Russa por compreender os conceitos e as instituições postos por ela em circulação à moda “sindicalista”, mantendo-se, assim, mais fiéis ao programa sindicalista revolucionário que ao bolchevismo, apenas agrupando-se sob a forma de um “partido”. Assim, quando os anarcossindicalistas brasileiros do Partido Comunista do Brasil defendiam a Revolução Russa e o que compreendiam por “ditadura do proletariado”, enfatizavam a socialização dos meios de produção por meio dos sindicatos e os elementos propagandísticos próprios da ação direta<sup>32</sup>.

Desta forma, o partido de 1919 pode ser considerado apenas um engano, sua formação não traria em si nenhuma forma nova, nem nenhum novo objetivo, permanecendo um dado curioso, mas que não alteraria a trajetória do movimento operário brasileiro. A forma de “frente ampla” adotada, a tentativa de trazer para junto de si diversas correntes, o nome de “partido”, junto ao ideário anarquista, tenderia a afastar tanto libertários, quanto comunistas de sua “herança”. Como visto no texto de Brandão logo acima, esta ambiguidade (ou o que pareceria como ambiguidade, quando estas correntes já estavam separadas), inclusive tornava o PCB de 1919 uma experiência a ser criticada, como um esboço defeituoso de uma obra mais completa, feita três anos depois.

Acredito que, o que surpreende Karepovs quando este escreve: “Mas, evidentemente, o que mais chama a atenção aqui é o fato de os anarquistas terem fundado um partido”, não deva ter apenas como resposta o entusiasmo com a Revolução Russa. Talvez seja necessário estudar mais a fundo as reais intenções dos militantes operários quando fundaram este organismo e quais sentidos gostariam de ter dado a ele. Havia já clareza em alguns aspectos da Revolução Russa, principalmente quanto ao seu caráter marxista e do Partido Bolchevista. Eu não tenho condições de dar aqui, neste artigo, as respostas à pergunta: O que foi o *Partido Comunista do Brasil* de 1919? Mas creio que possa levantar algumas questões que podem fazer esta pergunta mais relevante.

Primeiro: o que era ser comunista naquele momento? Nos periódicos operários, se encontra definições que ligam o comunismo russo ao anarquismo, o que remonta ao termo anarco-comunismo, de Koprotkin e Malatesta<sup>33</sup>. Mas também se encontra referências ao Partido Comunista Russo (bolchevista) como sendo marxista. Também se encontra, e talvez esta seja a definição mais recorrente, a ideia de que os comunistas na Rússia fossem socialistas radicais ou a fração mais a esquerda do socialismo.

Não é incomum, neste momento, um sujeito dizer-se ao mesmo tempo anarquista e comunista (maximalista). Mesmo que esta postura pareça estranha à primeira vista, levando-se em conta a relação posterior das duas tendências, ela encontra um antecedente, que é o sindicalismo. Apesar de o sindicalismo revolucionário ter se gestado como uma corrente contrária ao anarquismo na Europa, alguns militantes libertários faziam uso da tática sindicalista e mesmo se diziam sindicalistas<sup>34</sup>. Se foi possível incorporar uma referência como o sindicalismo, talvez tenha sido também o caso de incorporar o maximalismo ou o comunismo russo, como parte de uma tática operária comum. O militante carioca Manuel Ribeiro, no *Spartacus* (jornal editado pelos militantes do PCB) de 29 de novembro de 1919, faz uma interessante explanação sobre o tema, afirmando que o sindicalismo era um meio de

organização econômica, o anarquismo uma ideia e o maximalismo, uma forma de arrancar o poder da burguesia<sup>35</sup>. Ou seja, estas vertentes poderiam ser encaradas como faces de um mesmo tipo de ação operária. Além disso, ser comunista, nestas circunstâncias, significaria aderir a um projeto político.

Outra questão a ser esclarecida são os antecedentes deste partido. Se de fato houve uma intenção de formar um Congresso Geral da Vanguarda Social em 1917, o PCB poderia ser resultado de uma aspiração antiga. É curioso observar como a rede de núcleos que vai se formando pode ter se aproveitado de uma rede de solidariedade pré-existente, como a da COB. Por trás de uma rede de núcleos partidários, relativamente novos, poderiam existir as velhas tessituras do movimento operário, atualizadas e reafirmadas sob novo nome. Mas, sob este novo nome, poderiam existir novos objetivos?

Se novos objetivos existiam com a formação do PCB, só podem ser descobertos pela observação das lutas operárias naqueles anos. Esta é a base de uma terceira pergunta que deve ser feita: quais as perspectivas dos seus formadores em relação aos projetos que tinham para o movimento operário brasileiro? O PCB foi formado pelos mesmos militantes que haviam liderado uma revolução frustrado em novembro de 1918. Suas referências vão se perdendo ao longo de 1920, quando existe um refluxo do movimento e quando a ideia de revolução passa a ficar cada vez mais longe. A insurreição de outubro de 1919, pelo que nos conta Everardo Dias, contaria com a participação de vários centros de militância, cujos laços de solidariedade não estavam sendo mantidos pela COB ou por um Congresso de Vanguardas, mas pelo PCB. Não estaria na raiz da formação do partido e mesmo no motivo para sua dissolução, as vicissitudes do desejo de levar a classe operária brasileira a tomar o poder?

Estas são perguntas que devem ser feitas às fontes e as referências que se encontram sobre o PCB de 1919. Mas estas perguntas só terão sentido, se a formação daquela organização for pensada a partir de projetos possíveis e demandas que os militantes naquele momento se colocavam, o que significa tentar entender estes projetos nos termos das próprias experiências destes militantes e não como desvios em relação a um modelo que só se definiria muito depois.

## 5 Conclusão

Procurei aqui descrever um pouco da formação e da desagregação do primeiro *Partido Comunista do Brasil*. Fiz este exercício histórico de aproximação com esta organização, pelo pouco que a memória dos militantes e a historiografia trataram dela, pois acredito que a

partir da sua trajetória podemos levantar perguntas bastante pertinentes sobre os projetos que circulavam entre os militantes naquele momento. O que talvez seja necessário neste caso é tirar do horizonte o PCB formado em 1922, que não pode servir de modelo para este. Também deve ser tirado deste horizonte as divergências surgidas posteriormente, embora elas não estivessem ausentes aqui. O mais correto é, pois, analisar a formação deste partido nos termos que os próprios atores históricos se referiam a ele, só assim ele não aparecerá como desvio, tendo importância como veículo de projetos e esperanças que, para aqueles que o formaram, eram possíveis.

---

<sup>1</sup> Mestre em história pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>2</sup> Utilizei a grafia no original para diferenciá-lo do partido de 1922 e de 1961.

<sup>3</sup> Para mais detalhes do processo revolucionário russo, ver: TROTSKY, Leon. *História da revolução russa. (Três Volumes)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1977; BROUÉ, Pierre, *União Soviética. Da revolução ao colapso*. Porto Alegre: Síntese Universitária/Editora da UFRGS. 1996. "O estado dos Soviets" pp. 22-27 e REIS FILHO, Daniel Aarão. *Rússia (1917-1921): anos vermelhos*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

<sup>4</sup> Sobre o impacto da Revolução Russa na Europa ver HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos. o breve século XX. 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 66-68; para este mesmo impacto, no movimento operário da América Latina, ver: ALBA, Víctor. *Historia del movimiento obrero en América Latina*. México: Libreros Mexicanos Unidos, 1964. pp.350-352 e GÓDIO, Júlio. *História del movimiento obrero*. México: Nueva Imagen. 1983, 2 v. pp.91-102.

<sup>5</sup> *A Plebe*. São Paulo. p.4, 25, ago, 1917; p.4, 8, set, 1917.

<sup>6</sup> *A Semana Social*. Maceió. p.3, 6, ago, 1917.

<sup>7</sup> Inquérito Militar 1432. Foro Federal. Porto Alegre, 1917 e panfleto anexo: *Grupo de Operários e Soldados Brasileiros. Ao povo rio-grandense*.

<sup>8</sup> Podem ser citados, como alguns dos principais veículos que divulgavam estas informações e promoviam estes debates: *A Plebe*, *A Lanterna e o Alba Rossa* de São Paulo; *A Época*, *A Razão* e *o Spartacus*, do Rio de Janeiro; *A Luta* e *O Syndicalista* de Porto Alegre; *A Semana Social* de Maceió e *A Tribuna do Povo* e *A Hora Social* do Recife.

<sup>9</sup> Tradução da época para bolchevista.

<sup>10</sup> A União Maximalista de Porto Alegre foi fundada por Abílio de Nequete, para ser uma associação de militantes identificados com a revolução russa e como alternativa à União Operária Internacional dos anarquistas, a Liga Comunista de Santana do Livramento surgiu da ação do pedreiro Santos Soares, tendo participação importante nas greves dos frigoríficos de 1919, ver PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. "*Que a união operária seja nossa pátria*": história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001. pp.352-356. A Congregação Libertadora da Terra e do Homem foi fundada por Otávio Brandão, sob influência do populismo russo, para levar a revolução aos camponeses, ver BRANDÃO, Otávio. *Combates e batalhas*. Alfa-Ômega: São Paulo, 1978. pp.127-128.

<sup>11</sup> Sobre esta insurreição, ver: ADDOR, Carlos Augusto. *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986 e MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *O ano vermelho. A revolução russa e seus reflexos no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2004. pp.157-200.

<sup>12</sup> KAREPOVS, Dainis. *A esquerda e o parlamento no Brasil: o Bloco Operário e Camponês (1924-1930)*. PPG em História da USP: São Paulo, 2002. (Tese de Doutorado). p.38-39..

<sup>13</sup> *Bases de Acordo do Partido Comunista do Brasil*. Impresso do Partido Comunista do Brasil:Rio de janeiro, 1919.Processo Crime 1016. Júri-Sumários. Porto Alegre, 1919.

<sup>14</sup> *Partido Comunista do Brasil*. Impresso do Partido Comunista do Brasil: Rio de Janeiro, 1919. Processo Crime 1016. Júri-Sumários. Porto Alegre, 1919.

<sup>15</sup> É difícil precisar a data exata em que foram elaborados estes programas, assim como quantos centros de militância os receberam e quando os receberam. Baseio-me aqui em três documentos *Bases de Acordo do Partido Comunista do Brasil*, *Partido Comunista do Brasil* (programa) e a *Circular do Secretariado*, que foram encontrados em um processo crime, aberto contra militantes operários de Porto Alegre em setembro de 1919. Como a *Circular do Secretariado* tem a data de 23 de março e faz referência às bases, resumo do programa e meios de ação, acredito que estes outros documentos tenham sido escritos antes, ou seja, logo após a sua

fundação. A publicação do programa no jornal *O Sindicalista* de Porto Alegre, *A Plebe* de São Paulo e a *Tribuna do Povo*, de Recife, mostram que o envio destes textos era uma estratégia para formar uma rede de militância.

<sup>16</sup> Alba Rossa. São Paulo. P.1, 12, abril, 1919. A citação original é “*non era necessário fondare un partito nuovo: bastava quello socialista che predica la stessa cosa con la solla differenza di método poiché superlamentare*”.

<sup>17</sup> *A Plebe*. São Paulo, p.3, 12, abri, 1919.

<sup>18</sup> *Spartacus*, Rio de Janeiro, p.4, 9, set, 1919.

<sup>19</sup> *A Plebe*. São Paulo, p. 3, 24 de maio, 1919. João Ayres é uma estação ferroviária do município de Antônio Carlos.

<sup>20</sup> *Germinal*. Rio de Janeiro, p.2, 1º de junho, 1919.

<sup>21</sup> *Boletim de Protesto da União Maximalista (contra a intervenção no congresso comunista brasileiro)*. Processo Crime 1016. Júri-Sumários. Porto Alegre, 1919.

<sup>22</sup> *O Nosso Verbo*. Rio Grande, p.2, 12, jan, 1920.

<sup>23</sup> *O Rebate*. Pelotas, p.1, 30 de maio, 1919.

<sup>24</sup> MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *O ano vermelho. A revolução russa e seus reflexos no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2004. p.216-222.

<sup>25</sup> Sobre este partido, ver o capítulo “O programa comunista dos libertários” BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. *O ano vermelho: a revolução russa e seus reflexos no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2004. pp.227-236.

<sup>26</sup> *A Tribuna do Povo*. Recife, p.3, 21, jun, 1919.

<sup>27</sup> No dia 18 de agosto, saiu uma convocação “Para uma ação conjunta”, entre grupos anarquistas, socialistas, sindicatos e centros de estudos sociais, para reunir-se em breve em um Congresso Geral da Vanguarda Social do Brasil. No dia 18 de agosto, *A Plebe* anunciava que tinha recebido apoio de várias partes do país, além de informar que este Congresso ia fazer um convênio com a Confederação Operária Brasileira, reunindo-se em outubro no Rio de Janeiro. Não consegui mais notícias sobre a realização ou não do mesmo. *A Plebe*. São Paulo. p.2, 4, ago, 1917; p.2, 18, ago, 1917.

<sup>28</sup> DIAS, Everardo. *História das lutas sociais no Brasil*. São Paulo: Alfa Omega. 1977. p. 90.

<sup>29</sup> PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. “*Que a união operária seja nossa pátria*”: história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001. p.368.

<sup>30</sup> Para a história destes grupos, ver: KAREPOVS, Dainis. *A esquerda e o parlamento no Brasil: o Bloco Operário e Camponês (1924-1930)*. PPG em História da USP: São Paulo, 2002. (Tese de Doutorado). p.36-39; DEL ROIO, Marcos. Os comunistas, a luta social e o marxismo (1920-1940). In RIDENTI, Marcelo e REIS FILHO, Daniel Aarão. *História do marxismo no Brasil. Vol. V. Partidos e organizações dos anos 20 à 60*. Campinas: editora da UNICAMP, 2002. p.17-23.

<sup>31</sup> Fritz Mayer (pseudônimo de Octavio Brandão). *Agrarismo e industrialismo*, p. 50. APUD KAREPOVS, Dainis. *A esquerda e o parlamento no Brasil: o Bloco Operário e Camponês (1924-1930)*. PPG em História da USP: São Paulo, 2002. (Tese de Doutorado). p.29. Análise parecida do caráter deste PCB pode-se encontrar em outro militante comunista, Astrogildo Pereira. Ver: PEREIRA, Astrogildo. *Ensaios históricos e políticos*. Alfa-Ômega: São Paulo, 1979. p.61.

<sup>32</sup> KAREPOVS (Op.Cit.). p.29-30.

<sup>33</sup> Sobre anarcocomunismo, ver SFERRA, Giuseppina. *Anarquismo e anarcossindicalismo*. São Paulo: Ática. 1987. p.30.

<sup>34</sup> Sobre a relação do sindicalismo e o anarquismo, ver TOLEDO, Edilene. *Travessias revolucionárias: idéias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

<sup>35</sup> *Spartacus*. Rio de Janeiro, p.4, 29, nov, 1919.

## Referências

### Fontes impressas:

*A Plebe*. São Paulo- 1917, 1919.

*A Semana Social*. Maceió- 1917.

*A Tribuna do Povo*. Recife-1919.

*Bases de Acordo do Partido Comunista do Brasil*. Rio de Janeiro- 1919.

---

*Boletim de Protesto da União Maximalista (contra a intervenção no congresso comunista brasileiro)*. Porto Alegre- 1919.

*Germinal*. Rio de Janeiro- 1919.

*Grupo de Operários e Soldados Brasileiros. Ao povo rio-grandense*. Porto Alegre- 1917.

*O Nosso Verbo*. Rio Grande- 1919.

*Partido Comunista do Brazil*. Rio de Janeiro, 1919.

*O Rebate*. Pelotas- 1919.

*O Syndicalista*. Porto Alegre- 1919.

*Spartacus*, Rio de Janeiro- 1919.

### **Inquéritos e processos:**

Inquérito Militar 1432. Foro Federal. Porto Alegre, 1917.

Processo Crime 1016. Júri-Sumários. Porto Alegre, 1919.

### **Bibliografia:**

ALBA, Víctor. *Historia del movimiento obrero en América Latina*. México: Libreros Mexicanos Unidos, 1964.

ADDOR, Carlos Augusto. *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. *O ano vermelho: a revolução russa e seus reflexos no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

BRANDÃO, Otávio. *Combates e batalhas*. Alfa-Ômega: São Paulo, 1978.

BROUÉ, Pierre, *União Soviética. Da revolução ao colapso*. Porto Alegre: Síntese Universitária/Editora da UFRGS. 1996.

DEL ROIO, Marcos. Os comunistas, a luta social e o marxismo (1920-1940). In RIDENTI, Marcelo e REIS FILHO, Daniel Aarão. *História do marxismo no Brasil. Vol. V. Partidos e organizações dos anos 20 à 60*. Campinas: editora da UNICAMP, 2002.

DIAS, Everardo. *História das lutas sociais no Brasil*. São Paulo: Alfa Omega. 1977.

GÓDIO, Júlio. *História del movimiento obrero*. México: Nueva Imagen. 1983.

HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos. o breve século XX. 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KAREPOVS, Dainis. *A esquerda e o parlamento no Brasil: o Bloco Operário e Camponês (1924-1930)*. PPG em História da USP: São Paulo, 2002. (Tese de Doutorado).

PEREIRA, Astrogildo. *Ensaio históricos e políticos*. Alfa-Ômega: São Paulo, 1979.

---

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *"Que a união operária seja nossa pátria": história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001.

SFERRA, Giuseppina. *Anarquismo e anarcossindicalismo*. São Paulo: Ática. 1987.

TOLEDO, Edilene. *Travessias revolucionárias: idéias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

TROTSKY, Leon. *História da revolução russa. (Três Volumes)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1977